

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "O ÚLTIMO PREGO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): ORTIGÃO, RAFAEL

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO

Locutor: 7

Data de produção: 6/11/1974

Data de Emissão: 11/11/1974

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
MÁRIO SARGEDAS	M. DA EIRA
DALILA ROCHA	TIA RITA
ARMANDO GORTÊS	J. DA RITA
MANUEL GAVACO	TOIYÉ DA VENDA
LUÍS SANTOS	ZE RAFAELHÃO
JORGE DE SOUSA COSTA	P. REITOR

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

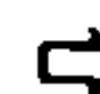
Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIA ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO



FOLHA DE PRESENCAS

Referência { N.º/R.P.L. 1442
N.º S.P.P.

Datas { da gravação 6 de Novembro de 19 74 às horas.
da 1.ª emissão 11 de Novembro de 19 74 Programa

FERNANDO GUSMÃO

[illegible]

Visto do Chefe da S.P.P.

de 196

MINI-TEATRO

SERVICOS CRIATIVOS	
PROG. 1752	PROG. 10
DATA 29 OUT. 1974	LOCAL DE 11/11/74
PE	15 - 30 HORAS
ACR. 6.11.74	VISTO
H. 10.00	
NC 11.11.74	
DE GRAY-00	

O ÚLTIMO PREGO

Um conto de

RAMALEO ORTIGÃO

Adaptado por

LUÍS PINHAO

Personagens

ZÉ RAMALHÃO

TOMÉ DA VENDA

MIGUEL DA EIRA

PADRE REITOR

TIA RITA

JOÃO DA RITA

A MÚSICA INICIAL, UM MOTIVO MINHOTO, FUNDE-SE COM O AMBIENTE INTERIOR DUMA TABERNA, DEPOIS DE TER DADO, POR MOMENTOS E EM GRANDE PLANO, VÁRIOS RUÍDOS, COMO: O SOPRAR DO FOLE; O REPICAR DO MALHO NA BIGORNA; O BATER NO FERRO EM GOLPES SURDOS; O RECHINAR DA BRASA ARREPIADA AO CONTACTO DA ÁGUA; ETC.

ZÉ RAMALHÃO

Sim, meus amigos, lembro-me como se fosse hoje!... Eram muitos os ferreiros há trinta anos no concelho da Maia. A Rua das Hortas no Porto, tão pitoresca, tão oriental, com os seus toldos de linhagem, as suas matilhas de galgos e de podengos estirados ao sol - lembra-se, Tomé da Venda? -, parecia aos sábados uma pequena feira de gado, tantos eram os burros dos ferreiros sertanejos, que chegavam ajouçados de ceiras de pregos, e partiam carregados de verguinha de ferro, em feixes ao longo da albarda, levados pela Rua do Almada acima num trotezinho miúdo e diligente, que batia os grandes lajedos sonoros da calçada com um ruído festival de castanholas. O Tomé da Venda deve-se lembrar...

TOMÉ DA VENDA

Se me lembro, sor Zé Ramalhão, se me lembro...

ZÉ RAMALHÃO

Muitas dessas simpáticas ferrarias rurais faziam agradável companhia aos caçadores e aos almocreves que vinham do Porto, de madrugada, pela antiga estrada de Braga.

TOMÉ DA VENDA

Ainda não apontava o dia e já as forjas estavam acesas e assopradas pelos foles arquejantes; já os malhos repicavam alegremente nas bigornas;

ZÉ RAMALHÃO

e pelas portas abertas, num quadrado de luz vermelha, que se reflectia no macadame, viam-se em torno de um enxame de estrelas que os martelos faziam esparrilhar do ferro em brasa, os ferreiros enfarruscados, de avental de couro e braços nus, que cantavam malhando o tição. E de dentro da oficina esbraseada e fumacenta comunicava-se ao caminheiro da estrada, num relance, como na instantaneidade de um quadro alumiado nas trevas pelo clarão de um relâmpago, uma rara jovialidade, de olhos luminosos e de dentes brancos em rostos luzidios mascarados de preto.

TOMÉ DA VENDA

Vinha depois a manhã, Miguel da Eira.

ZÉ RAMALHÃO

A pouco e pouco ia acordando a estrada flexuosa e branca.

TOMÉ DA VENDA

Aqui se abria a oficina do tamanqueiro. Mais adiante a do cesteiro, enastrando um balaio ou um gigo.

ZÉ RAMALHÃO

O ferrador aparecia debaixo do seu alpendre, chilreado de pardais, em mangas de camisa, bocejando, a cavalo no banco de pinchar.

TOMÉ DA VENDA

Ao balcão da tenda, ao pé da ponte, enchia-se a trasbordar o primeiro copinho de aguardente de bagaço.

ZÉ RAMALHÃO

Destacava-se no horizonte aclarado o recorte ondulante e cinzento das montanhas. Nas devezas principiava a trinar, soluçada, uma volata da cotovia; e no rumor angustiado do ribeiro, jurto da levada, entre a espessura dos choupos e dos vi-meiros, via-se em giro a roda da azenha, pesada, lenta, musgosa, gotejante de cristais. Enfim era dia. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

TOMÉ DA VENDA

Vai mais um copo, Miguel da Eira?

MIGUEL DA EIRA

Está calado, homem! Deixa ouvir.

ZÉ RAMALHÃO

Nas terras revolvidas de fresco pelo arado saltitavam aos pares as lavandiscas prateadas. Adejavam borboletas cor de palha sobre as dedaleiras que desabrocham com as malvas ao sopé dos muros, e vinham verdelhões e pintassilgos às amoras dossilvados, entretecidos de teias de aranha aljofradas de orvalho. Nas bouças, tufadas e ásperas, reluziam em amarelo com um brilho metálico por entre as urzes.

e os fetos debruados de ferrugem, as flores do tojo. Balisados em quadrícula pela vinha de enforcado, nas terras de regadio, os campos de milho, de trevo ou de linho, alongavam-se pelos vales em uma suavidade de veludo, com matizes de alfombra, até o primeiro relevo de colina, onde a igreja paroquial, de campanário mourisco, com a sua alpendrada à frente, branquejava ao sol que desponta entre as noqueiras do adro; e por trás da igreja, na encosta do monte acastanhado, cor de boi, os casais reluziam perto da verdura dos soutos ou dos pomares, como camisinhas brancas, quadradas, a corar no estendedouro. Nessa alegria da luz, nesse fresco ambiente matutino, impregnado de um vago perfume de maçãs, de giestas, de resina de pinheiro e de barba de milho, o tilintar das bigornas fundia-se em doce harmonia com o gemido das noras, com o arrulho das pombas, com o assobio dos melros, como se os ferreiros da Maia tivessem dado à natureza minhota um particular ruído, carinhoso, tão íntimo e tão local como o correr das águas ou o zoar das carvalheiras.

MIGUEL DA EIRA

Assim é que é falar!... Dá gosto ouvi-lo, sor Zé Ramalhão! Ó Tomé da Venda, bota lá mais uma rodada que pago eu!

TOMÉ DA VENDA

É para já, Miguel da Eira! (RUÍDO DO LÍQUIDO CAINDO NOS COPOS MISTURADO COM O ENTRECHOCAR-SE DESTES)

MIGUEL DA EIRA

Já tinha ouvido dizer que vossoria era letrado, mas nunca futurei que fosse tanto, sor Zé Ramalhão.

TOMÉ DA VENDA

Ó homem, se até lhe chamam o mestre-escola...

MIGUEL DA EIRA

É que dá gosto ouvi-lo!... Então cá vai.

ZÉ RAMALHÃO

A nossa!

TOMÉ DA VENDA

À nossa!

DA EIRA

À nossa! (SABOREANDO) Ah!... Boa pinga!...

ZÉ RAMALHÃO

Ora... onde é que eu ia?

MIGUEL DA EIRA

Vossoria falava dos ferreiros da Maia; do último prego, sor Zé Ramalhão.

ZÉ RAMALHÃO

Sim, é isso! O ÚLTIMO PREGO! Pois... O mais hábil, o mais conspícuo, o mais famoso dos ferreiros maiatos era o João da Rita, falado como bom ferreiro e ainda mais como bom homem são, jovial e feliz. Aos sessenta anos, parecia ter cinquenta. Tinha uma força de Hércules, levantava num braço uma barra de ferro de noventa quilos, nunca tivera uma desordem, e nas horas vagas da forja cultivava cravos e era passarinho. A mulher, a Rita, parece que estou a vê-la, formiga rabiga, madrugadora e videira, fizera-lhe a casa farta e alegre, e dera-lhe dois filhos, o Joaquim, que embarcara para o Maranhão aos quinze anos, e a Filomena, casadoira, loira como o pai, bem feita como uma pucarinha, a mais linda cachopa de todas as romarias em três léguas em redondo. A casa do João da Rita ainda está de pé. É aquela logo a seguir à encruzilhada dos dois caminhos, logo a seguir à ponte. Via-se da estrada através da negrura e da fumaceira, ao fundo, pela porta aberta do quinteiro, a curiosidade ridente da horta ajardinada. Os talhões da couve, da batata, dos tomateiros e das alfaces, eram cortados ao centro por um arruamento de alfazema, e à roda junto dos muros floriam as dalias e as rosas de todo ano entre macieiras, limoeiros, damasqueiros e marmeleiros.

MIGUEL DA EIRA

É que não me canso de o ouvir!

ZÉ-RAMALHÃO

No verão merendava-se debaixo da ramada, à mesa de pedra ao lado da porta da cozinha. Ao fundo cantava a nora puxada pelo burro de olhos vendados. E havia no ar um lindo e calmante sorriso de écloga quando alguns dias, ao cair da tar-

de, o velho reitor, um tanto barrigudo na sua loba de duraque, encostava à porta da cozinha o marmeleiro argolado, abancava à mesa de pedra enxugando o suor ao seu lenço do Alcobça em frente ao João, de cara lavada e camisa branca de grosso linho caseiro. O banquete ordinário constava simplesmente de uma salada, queijo, broa de mistura e um pichel de vinho verde. Acompanhava-o porém uma inefável orquestração de idílio. Porque a água da rega corria em borbotões na terra sachada de fresco; um aroma picante e aperitivo de cebolinho e de coentro errava no ar; no viveiro de cana pendurado à janela entoava-se um coro de pintasilgos; ouvia-se ao longe o cantar dos grilos, o coaxar de rãs; e às vezes, enquanto a Filomena punha o vinho ou temperava a salada, a voz de uma ceifeira, a distância, no mais possante e agudo timbre de soprano, soltava uma dessas lentas e saúdosas canções minhotas, que dominam e preenchem toda a concavidade de um vale como um grito supremo e avassalante de toda a poesia de um povo. Foi numa dessas merendas em que estava presente o reitor que o João da Rita desabafou os seus pressentimentos.

S E P A R A D O R

AR LIVRE - EM FUNDO O CHILREAR DA PASSARADA DE MISTURA COM O CANTAR DOS GRILOS E O COAXAR DAS RÃS

REITOR

Tens alguma coisa que te preocupe, homem? Vejo-te meditativo...

RITA

Ralhe com ele, sr. reitor, ralhe com ele.

REITOR

O que é que te preocupa?

JOÃO

O negócio, sr. padre reitor, está-se futurando muito triste cá para os da minha arte...

REITOR

Como assim, como assim, mestre João?

JOÃO

É que inventaram agora um prego novo, um prego francês, e os ferrajeiros das Hortas principiam a não querer o prego que a gente faz, porque dizem que o prego francês que é de mais vista, que é melhor e que lhes sai mais barato.

REITOR

Assim o li hoje no periódico. É o que se chama agora, para nossa desgraça, a luta da grande indústria com o humilde trabalho. Lá inauguraram na cidade há três dias a nova Empresa Metalúrgica, uma fábrica movida a vapor que faz mil e não sei quantos pregos por hora...

JOÃO

A coisa então já vem nos papéis?

REITOR

Já vem. O periódico elogia o arrojado cometimento, agradece o opíparo copo-de-água que os empresários ofereceram à imprensa, e diz que é enorme a fonte de riqueza com que se dotou o país.

JOÃO

Fonte de pregos, vejo que é efectivamente, pelo que o sr. reitor me diz, mas fonte de riqueza é que não vejo bem porque é que lho chamam, a essa fonte que vai pôr tanta gente a pedir esmola. O Bento de Pontilhões já fechou por não ter quem lhe comprasse a fazenda nem quem lhe abonasse o ferro. Fechou também o José Devezas, o Manuel da Nogueira e o Joaquim Pigarro. Enfim aqui assim, nesta corda, até o Padrão, o único que ainda trabalha sou eu. Tenho aí dois málheiros de pregos que vou levar amanhã. Fi-los a capricho e não admito que ninguém acabe um prego melhor do que eu. Já não ganho nada no que me vão dar por eles, pagando ao oficial e aos aprendizes; mas o que não quero é perder o freguês...

RITA

O meu João há tempos para cá que é com o que lhe dá: que perde a freguesia... Como se fosse alguém no mundo capaz de fazer um prego como o que ele faz; que não é por ser meu homem mas parece de forma! ~~Exemplos de pregos feitos por outros mestres~~

JOÃO

Ó mulher, não te metas nisto!

RITA

E depois, sr. reitor, o que o anofina é a minguia de porventos.

REITOR

Esta tia Rita... a boa tia Rita...

RITA

Eu e a minha Filomena temos dois pares de arrecadas cada uma, dois corações de ouro como a palma da minha mão, cordões de dez moedas que dão três voltas ao pescoço...

REITOR

E ambas espadelam, fiam e botam ao tear uma teia de linho em cada ano, eu sei!

RITA

Então já vê, sr. prior: sempre será mais fácil fazer frente a algum revés...

PRIOR

É o que eu digo: esta tia Rita...

JOÃO

Não lhe dê ouvidos, sr. reitor. Deixe-a falar...

PRIOR

Adeus , João...

JOÃO

Adeus, sr. reitor...

PRIOR

Adeus, João... Olha! Se por acaso tiveres de suspender o trabalho da tua forja, se por mal de pecados tiver de acabar de todo na nossa freguesia a fabricação dos pregos, como já acabou a fabricação das candelas e das obras de prata, não esmoreças por isso e mostra que és um homem conformando-te com a vontade de Deus

JOÃO

Que sou um homem lhe mostrarei, assim o espero. Enquanto à vontade de Deus, se o que ele determina é que um velho como eu, vivendo toda a vida honradamente do seu ofício, acabe vadio ou ladrão de estrada, porque me apagam a forja, me arrancam o malho da mão e me escarram na cara de desprezo, eu digo ao sr. zeitor que isso é um Deus de cristãos; e que em vez de dar justiça e de dar caridade aos homens, ele o que está é a mangar com a tropa.

S E P A R A D O R

JOÃO

Pois, senhor, acabou-se o ofício. Ninguém mais quer os meus pregos, nem de graça, que não prestam.

RITA

Não digas isso, João!

JOÃO

Aqui está o prego novo, mulher. Trouxe-os justamente para que vocês os vissem: seis pregos em diversos tipos. São de arame, sólidos como aço, de uma regularidade geométrica, de um acabamento finíssimo. Têm a cabeça lavrada como se os fizessem para jóias e brilham como prata. Como posso eu competir com isto?... Vós ambas ainda podeis governar a vida... Sabeis fiar, sabeis tecer, sabeis de costura, podeis amanhoar a horta, podeis até dar mestra na forja caiada de branco, com uma vidraça no postigo... Eu é que não presto agora para nada senão para me ralar, para ralar os outros, riço para a raiva, desrido de tudo, e com uma força de bruto, que me pode deitar a perder...

RITA

João!

JOÃO

Boa mulher! boa mulher!... E tu, Filomena, serás outra que tal, não é verdade? (TRANSIÇÃO) Bem! Agora para a cama vocês! que eu vou acender a forja, e terei que trabalhar até ao dia numa última experiência de prego, que se me encasquetou na cabeça. (COLPE MUSICAL QUE SE FUNDE COM O RUÍDO DA FORJA - UM TEMPO - O RUÍDO DA FORJA FUNDE-SE COM O

S E P A R A D O R

RITA - ENTRE LÁGRIMAS

Pode crer, sr. reitor... Quando, já pela noite, o meu João chegou do Porto, não futuroi nada de bom. Ainda quis animá-lo, mas ele nem me ouviu... Depois meteu o burro na arribana, pôs-lhe uma braçada de palha na manjedoura, e foi sentar-se à mesa, posta para a ceia. Foi então que tirou da algibeira aqueles pregos estrangeiros e poisou-os sobre a toalha. Quando olhei para ele vi-lhe uma lágrima, grossa e pesada, correr-lhe pela cara abaixo. Mas depressa se recompôs, pois que, tendo partido o pão e enchido o copo, ceou como de costume, serenamente. E foi num geito alegre que nos anunciou que iria trabalhar toda a noite na experiência dum novo prego... Um novo prego... O último prego!

REITOR

Então, tia Rita, ânimo...

RITA - RECOMPONDO-SE

Eu e a minha Filomena subimos com a candeia em punho a escada a pino, que vai da cozinha e entra por uma abertura quadrada, a um canto do tecto, nos dois quartos de dormir, ao lado da forja. Já deitadas, ouvimos sucessivamente soprar o fole, repicar o malho na bigorna, bater o ferro em golpes surdos, rechinar a brasa arrepiada ao contacto da água, e adormecemos embaladas por esse ruído familiar e amigo, que durante quarenta anos fora o dever cumprido, o trabalho, a abundância, a alegria e a paz da nossa choupana. Só demos conta do que se passava, sr. reitor, quando fomos acordadas pela alarida dos aprendizes.

S E P A R A D O R

ZÉ RAMALHÃO

Sim, pela madrugada os arrendizes, ao entrarem na forja, recuaram de horror...

MIGUEL DA EIRA

Então porquê, sr. Zé Ramalhão? Vossoria quer dizer que...

ZÉ RAMALHÃO

Suspenso por uma corda a um enorme prego cravado em uma trave no tecto, pendia no espaço, enforcado, o mestre João da Rita.